

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI - UFSJ**

**Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas – DAUAP**

**Bacharelado em Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica**

**SABERES ARTESANAIS DA CERÂMICA EM MINHA VIDA**

**Adriana da Silveira Marcelino**

**São João del-Rei**

**Fevereiro 2021**

**Adriana da Silveira Marcelino**

**Saberes artesanais da cerâmica em minha vida**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação (TCC)  
apresentado à banca examinadora para obtenção do título de  
bacharel do curso de Artes Aplicadas com ênfase em Cerâmica  
da Universidade Federal de São João del-Rei.

Orientador: Prof. Alexandre Delforge

**São João del-Rei**

**Fevereiro de 2021**

**Dedico este trabalho aos meus pais**

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 HISTÓRIA DO VALE DO JEQUITINHONHA .....	11
3 COLABORADORES PARA A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DA CERÂMICA DO VALE DO JEQUITINHONHA .....	14
4.REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS .....	17
4.1 Izabel Mendes da Cunha .....	17
4.2 Ulisses Mendes .....	22
5. SABERES ABSORVIDOS NO CURSO DE ARTES APLICADAS.....	26
6. METODOLOGIA .....	28
6.1 Molde.....	28
6.2 Moldagem .....	30
7. TABELA DE RECEIRA DE ENGOBE.....	34
8.TRABALHO FINALIZADO.....	36
9. CONCLUSÃO .....	39
10.REFERÊNCIAS.....	40

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais por ter chegado até aqui. À minha avó materna que tanto amo.

Aos colegas que passaram por minha caminhada - sempre há muito que aprender com eles.

Aos professores de outros departamentos que contribuíram para meu aprendizado, José do Carmo Toledo (*in memoriam*), Ana Claudia Monteiro Carvalho, Marília de Carvalho Caetano Oliveira, Leticia Andrade, Marco Antônio Schiavon, Marcelo José Bondioli, Jonathas Antunes Batista, Francisco José Figueiredo, Benedito Anselmo Martins de Oliveira, Kelly Aparecida Torres, Fábio Correa, Diego Henrique dos Santos, Erika Loureiro Borba, Paulo Henrique de Lima Siqueira, Valéria Maria Martins Judice, que me orientaram, dedicaram seu tempo com saberes e diálogos a todos nós.

Aos professores de Artes Aplicadas com ênfase em Cerâmica, Alexandre Delforge, Zandra Coelho, Ricardo Coelho, Luciana Beatriz Chagas, Cristiano Sales Lima, Bruno Amarante e Kléber Silva .

À técnica de laboratório, Ana Cristina Silveira.

Agradeço a Deus e ao universo por ter saúde, por chegar até aqui acreditando que qualquer forma de expressão é bem-vinda.

**A academia é fundamental para a preservação de memórias. A preservação dos saberes tradicionais só se perdura com publicações. Então, enquanto acadêmicos, esta é a nossa responsabilidade: preservar memórias.**

**Lalada Dalglish<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup>Publicado por A CASA em 8 de Outubro de 2015

## Lista de figura

Figura 1- Dona Izabel modelando uma de suas peças. Reprodução fotográfica do catálogo da exposição “Izabel Mendes da Cunha, cerâmica”, galeria Estação, São Paulo, 2010. Foto: Germana Monte-Mor. ....	17
Figura 2- Ulisses Mendes em seu Ateliê. Reprodução fotográfica “Blog das ruas”. ....	22
Figura 3-urma marajoara 2015.....	25
Figura 4- IV Seminário Internacional -A Cerâmica na Arte Educação 2015.....	26
Figura 5- Molde de vaso, 2019.....	29
Figura 6- Placa aberta com auxilio de cano, 2019.....	30
Figura 7- Processo para realização das flores, 2019.....	30
Figura 8- Flores em porcelana, 2019. ....	31
Figura 9- Processo para realização da flor copo-de-leite, 2019. ....	31
Figura 10- local onde foi retirado terra, são João del rei atrás do supermercado bahamas,2019. ....	32
Figura 11-terra colorida em garrafa pet para realização do processo de decantação,2019. ....	32
Figura 12-secagem das terras coloridas,2019.....	33
Figura 13-testes realizados a partir de terra coletada,2019. ....	33
Figura 14-vasos com flores,2019.....	36
Figura 15-vasos com flores pintadas com engobe,2019. ....	36
Figura 16-Flores pintadas com engobe,2019. ....	37
Figura 17-Molde de vaso 2,2020. ....	37
Figura 18-Flores em porcelana,2020. ....	37
Figura 19-Vasos pintados com engobe,2020. ....	38
Figura 20-Vasos pintados com engobe,2020. ....	38
Figura 21-Vasos pintados com emgobe,2020. ....	38

## **RESUMO**

A proposta desta pesquisa surge a partir da reflexão sobre a importância da cerâmica popular no Brasil, que despertou em mim o interesse por suas histórias, pelos diversos olhares sobre a cerâmica, o modo de viver, o valor agregado a sentimentos e lembranças em suas obras, o impacto em comunidades que, por meio de experiências artesanais herdadas de seus antepassados, vêm se reinventando com trabalhos de grande qualidade e beleza, em que o coletivo se faz presente e contribui para a construção da identidade artística local. Tudo isso despertou em mim uma profunda admiração e respeito pelo ofício do artesão, em especial do Vale do Jequitinhonha.

Considero que essas influências abriram caminho para que eu iniciasse novas pesquisas e estudos sobre a cerâmica e, por esse processo, encontrasse minha própria identidade artística. Meu despertar veio essencialmente no período em que cursei Artes Aplicadas com ênfase em Cerâmica, na Universidade Federal de São João del-Rei, que desencadeou a proposta de produzir peças decorativas como as flores que simbolizam para mim, delicadeza.



## 1- INTRODUÇÃO

Antes de iniciar os estudos em Artes Aplicadas com ênfase em Cerâmica na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), meu olhar sobre a arte popular brasileira se dava de forma simplista. Quando criança, a cerâmica era vista por mim como algo “santo”, época em que minha mãe usava como peça fundamental para fazer uma simpatia. Conhecia apenas alguns dos grandes nomes: Michelângelo, Vincent van Gogh, Leonardo da Vinci, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e outros.

A descoberta do Museu Regional e do Museu Ferroviário de São João del-Rei, ainda adolescente, permitia que eu estivesse conectada ao passado através das obras, que eu imaginasse os modos e costumes de antigamente. Já na idade adulta, voltei a ter contato com as exposições realizadas lá quando entrei para a Universidade.

Ao longo da graduação foram apresentados e discutidos vários artistas da cultura popular brasileira e seus impactos no cenário artístico do país, e me chamou a atenção em especial a arte do Vale do Jequitinhonha, sua ligação a conhecimentos herdados de seus antepassados, compartilhamento de vivências, saberes e o que eles representam para suas comunidades. Uma cerâmica que sobrevive ao tempo, contribuindo para o artesanato popular, que representa a continuidade de uma arte passada de geração em geração, mantendo viva a história de uma região.

Essa pesquisa passa a representar um papel fundamental na minha vivência, uma vez que desperta em mim uma linguagem de criação em que todas as etapas de seu processo são exploradas, desde o preparo da matéria-prima, argila, descobertas e manipulação de engobe, até a queima, refletidas em alguns momentos pelas memórias expressas nas obras, acrescentando algo a ser explorado e difundido a cada dia.

A Revolução Industrial teve início na metade do século XVIII, na Inglaterra proporcionou a produção em massa provocaram mudanças culturais e econômicas

profundas, determinando assim a desvalorização dos trabalhos manuais. A partir dessa compreensão, iniciei minha busca pelos saberes artesanais desenvolvidos por mestres artesãos e compreendi sua importância para a cultura popular brasileira, uma vez que suas artes também estão ligadas a suas sobrevivências enquanto seres humanos.

Ter conhecido, por meio do curso, o trabalho de Dona Izabel, uma das artesãs mais importantes do Vale do Jequitinhonha, possibilitou abrir meus caminhos. Sua simplicidade, que de simples não tem nada, pelo fato de ter sido uma mulher que acreditou em seu trabalho, seu diálogo em torno de suas esculturas e suas identidades artísticas engrandecem nossa arte popular. Dona Izabel possibilitou meu entendimento de que não precisamos realizar algo “grandioso”, monumental, mas sim algo em que acreditemos.

A arte estabelece uma conexão, promove diálogo, aproximação entre pessoas. Acredito que na arte não caiba comparações, pois cada obra é singular. A arte popular, por exemplo, enaltece a cerâmica brasileira. E foi a arte do Vale do Jequitinhonha que, de forma influente e decisiva, apontou meus caminhos.

## 2- HISTÓRIA DO VALE DO JEQUITINHONHA

As primeiras comunidades que habitaram o Vale do Jequitinhonha eram de origem indígena conhecidos por seus moradores atuais por “botocudos”. Suas fontes de subsistência relacionavam-se à caça e à pesca. Também retiravam do solo argila para a confecção de utensílios como potes e jarras, utilizados para cozimento e armazenamento de alimentos e água, apresentando-se na forma de uma cerâmica simples e sem acabamentos refinados. A palavra Jequitinhonha relaciona-se com os índios e, segundo registros, significa armação para pegar peixe (“jequi”) e rio largo (“tinhonha”), e ainda para peixe (“onha”), ou seja, jequi tem onha, cheio de peixe.<sup>2</sup>

A chegada dos europeus no século XVI, cujos objetivos eram colonizar e explorar as riquezas como ouro e diamantes da região e, ainda, impor seu modo de vida e costumes, fez com que o índio migrasse para outros territórios, sendo o Vale também ocupado por garimpeiros, escravos fugitivos e mestiços.

As comunidades do Vale do Jequitinhonha mantêm vivas as tradições e as culturas em torno da cerâmica de seus antepassados, que ainda são lembrados pelas comunidades. Contribuem hoje para a cultura popular Andréia Andrade moradora do município de Itaobim; Lira Marques residente em Araçuaí; Ulisses Mendes, de Itinga, um dos poucos artesãos masculinos e um bom cantador de histórias e muitos outros.

Ulisses Mendes ressalta o dever de lembrar que os índios foram expulsos de suas terras e, assim, representá-los na cerâmica deixaria viva a história de seus antepassados.

A cerâmica era produzida predominantemente por mulheres, constituída por peças utilitárias, técnicas passadas de geração em geração e também ensinadas para aqueles que tivessem o interesse em aprender esse ofício. Até então, eram as ceramistas conhecidas como “as paneleiras”.

---

<sup>2</sup>Dossiê para Registro do Artesanato em Barro do Vale do Jequitinhonha: saberes. Ofício e expressões artísticas em Minas Gerais. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2018.

Pessoas compartilhando conhecimentos, saberes, como a grande mestra Dona Izabel Mendes da Cunha (*in memorian*), com generosidade e grandeza, abriram as portas de seus saberes, ganhando admiração e respeito em suas comunidades, arredores e também internacionalmente, não apenas modificando sua vida, mas também a vida de suas comunidades e do Vale do Jequitinhonha. .

Segundo Dias (2006), os ensinamentos transmitidos a novas gerações contribuem para o processo criativo, estabelecendo assim a continuidade artesanal, mantendo vínculos afetivos e companheirismo, formando o que chamamos de “tradição na cerâmica”.

Para Fleury (2002), a particularidade do artesanato tradicional está ligada ao seu contexto social.

A arte dessas mulheres é o resultado da vida de todas as mulheres que eram deixadas por seus maridos à procura de emprego e se viam desamparadas.

Vendo na cerâmica uma forma de trabalho para gerar renda para alimentar seus filhos, pois, são ceramistas, mães, dona de casa e esposas abandonadas, as “viúvas da seca”, como relatado no livro intitulado “Noivas da seca”, de Lalada Dalgligh, que acompanhou o cotidiano da vida de tantas mulheres que viam a noiva como personagem importante.

Tendo a seca e o abandono inseridos em suas comunidades, o Vale ganha denominações associadas a “vale da miséria”, “vale da fome”, “vale da marcha a ré”. Hoje, entretanto, entendemos que não cabem apenas essas denominações, ainda que se tenha muito a fazer por essa região; ela representa, também, o “vale da cerâmica”, “vale das mulheres artistas artesãs” e “vale dos meninos de Araçuaí”.

Campo Buriti é uma comunidade com aproximadamente 700 habitantes constituída principalmente por mulheres, uma vez que os homens vão para a cidade à procura de emprego e o local é isolado das principais estradas. Lá, seus moradores vivem de maneira simples e tradicional.

Maria José Gomes da Silva, conhecida como Zezinha, tem seu trabalho reconhecido no Brasil e exterior. Conta com apoio e ajuda de seu esposo, Ulisses Gomes dos Santos, e de suas filhas.

Deuzani Gomes dos Santos, viúva, conta com apoio de suas duas filhas para a produção artesanal, e também é proprietária do receptivo familiar associado ao turismo solidário, que recebe pessoas vindas de vários lugares do Brasil.

Anisia Lima de Souza, moradora de Campo Alegre, município de Turmalina, começou ainda criança a produzir cerâmica. Mesmo na diversidade socioeconômica desprovidos de saberes intelectuais e políticos, mantêm-se erguidos, seguindo em frente por um espaço melhor nesse cenário artístico, apoiando uns aos outros por meio das associações.

Faustina Lopes da Silva, líder da comunidade juntamente com outras artesãs, ergueu e criou a associação de Campo Alegre, sem ajuda governamental, uma vez que a união no trabalho representa mais força para a venda de suas peças.

De acordo com Barroso (2002), o artesanato está vinculado a atividades domésticas e à sua complementação de renda. Essa produção necessita de associações, cursos e treinamentos para estabelecer-se no mercado. Cardoso (2002) reforça que entender o mercado e suas especificações possibilita ao artesão melhorar sua produção associada à identificação cultural em que sua comercialização deve ser assistida,.

### **3- COLABORADORES PARA A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DA CERÂMICA DO VALE DO JEQUITINHONHA**

Fundadora e coordenadora do Raízes Desenvolvimento Sustentável, Mariana Alves Madureira contribui desde 2009 com projetos sociais ligados ao empreendedorismo e geração de renda nas áreas de turismo, gastronomia, agroecologia e artesanato, objetivando a valorização de pessoas e lugares. Fechando parcerias com empresas e SEBRAE, Mariana participa de editais e busca financiamentos para realização de projetos.

Para Mariana, o sucesso desses projetos só é possível quando se sabe exatamente o que se quer alcançar, buscando atender às necessidades das comunidades e, assim, proporcionar a continuidade das realizações.

Segundo Barroso (2002), a diferença entre produto industrial e artesanal está ligada ao valor agregado em suas obras, uma vez que há um discurso social em torno de seu artesanato. Mais que isso, explica, é preciso inovar na produção artesanal sem perder suas tradições e histórias, uma vez que essa produção estabelece vínculos a saberes ancestrais e, portanto, à sua própria essência.

Registros escritos ou falados perpetuam culturas, atraindo e conquistando novos divulgadores da cultura popular brasileira, mesmo que não façam parte do contexto nos quais estão inseridos. Manter viva a memória, ora individual, ora coletiva, em torno da cultura, floresce nosso despertar.

Mãos da lavoura, mãos do sustento familiar, mãos que amparam mãos calejadas pelo tempo que também se transformam em mãos da delicadeza.

De acordo com Cardoso, os conhecimentos sobre a região em que se produz artesanato possibilitam a revitalização do artesanato local.

A portaria SCS/MDIC nº29, de 5 de outubro de 2010, do Programa de Artesanato Brasileiro define artesão na Base conceitual do artesanato <sup>3</sup>:

[...] trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria bruta ou manufaturada em produtos acabados. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças.

O artesanato vivenciado pelas comunidades do Vale representa um ofício herdado. A matéria bruta é o barro, e sua principal ferramenta é representada pelas mãos, que transformam essa matéria em significados por vezes vinculados a suas próprias histórias, agregando assim valores a essas obras.

Minha relação com o Vale se dá também pela música, representada por um espetáculo gravado e cd com falas e cantigas do coral dos meninos de Araçuaí, em parceria com o grupo Ponto de Partida, estabelecido em Barbacena (MG), que realizou um dos mais lindos espetáculos vistos por mim, intitulado “Roda que rola”. Repolho, um palhaço desajeitado, leva um susto ao perder a sua poesia. Corina, vendo seu sofrimento com a poesia desaparecida, junta-se a ele e ambos saem à sua procura pelo Vale do Jequitinhonha.

O espetáculo Contou com a participação do cantor e compositor Milton Nascimento e conquistou o país, com cantigas de compositores como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Heitor Villa-Lobos além de cantigas de domínio público do Vale do Jequitinhonha. A partir deste espetáculo, inclusive, a prefeitura contribuiu para construção um cinema na cidade de Araçuaí.

A cerâmica é cultura, tradição e encanto, é a continuação de um desejo profundo de fazer algo em que acredito. Nesse sentido, as lembranças se configuram fundamentais, promovem um diálogo interno. Entender ou pelo menos tentar entender o artista, saber como é sua vida, suas referências artísticas, instigam-me a percorrer o caminho do aprendizado até o fim da vida.

---

<sup>3</sup>[www.mdic.gov.br/.../2011/relatorio-de-gestao-scs-2011.pdf](http://www.mdic.gov.br/.../2011/relatorio-de-gestao-scs-2011.pdf) · Arquivo PDF ,ultimo acesso em 25 outubro 2019

Para mim, o processo criativo na expressão artística pode apresentar manifestações de lembranças, isto é, memórias resgatadas, assimilando experiências.

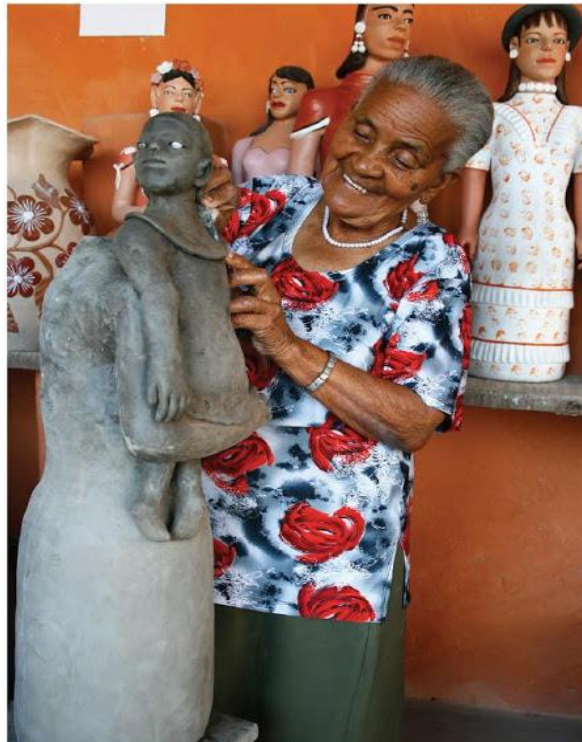
A partir das considerações expostas até aqui neste trabalho, busquei dar forma às peças decorativas que produzi, deixando fluir meus sentimentos. Minhas referências artísticas são os artesãos do Vale do Jequitinhonha.



## 4- REFERENCIAS ARTÍSTICAS

### 4.1 Izabel Mendes da Cunha

Izabel Mendes da Cunha, filha de João Mendes da Cunha e Vitalina Maria de Jesus, nasceu em 3 de agosto de 1924 em um povoado na fazenda de córrego novo, no Vale do Jequitinhonha, situado no nordeste do estado de Minas Gerais.



**Figura 1- Dona Izabel modelando uma de suas peças. Reprodução fotográfica do catálogo da exposição “Izabel Mendes da Cunha, cerâmica”, galeria Estação, São Paulo, 2010. Foto: Germana Monte-Mor.**

De família humilde, cresceu observando sua mãe produzir potes, panelas e travessas a partir do barro para serem comercializadas nas feiras das cidades vizinhas. Seu pai lavrador e seus irmãos mais velhos iam para a roça trabalhar, enquanto Dona Izabel ficava com a mãe para cuidar das crianças mais novas. O barro sempre esteve presente em sua vida e, sem condições de ganhar bonecas, começa por volta dos oito anos a fazer suas próprias bonecas, fruto da sua

imaginação, com sabugo de milho e pedacinhos de papel e panos para brincar, e dizia que deve ser assim.

Aos 24 anos, casada e moradora de Santana do Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, dividia seu tempo entre ajudar seu esposo na roça, realizar os trabalhos de casa e criar os filhos, mas ainda encontrava um momento para lidar com o barro e fabricar suas peças a serem comercializadas. Quando viúva com seus quatro filhos, Rita de Cássia (a única a não exercer o ofício de artesã), Glória, Maria Madalena e Amadeu, intensifica sua produção de utensílios para vendê-los e garantir o sustento da família. Eram viagens longas que dependiam das caronas na estrada. Por vezes não conseguia vender suas peças, porque achavam muito caras, mas para ela sua arte tinha o valor justo, pois cobrava pela mão-de-obra.

Segundo Dona Izabel, mesmo nos momentos mais difíceis, preferia não pedir ajuda, porque “há sempre um Deus que ajuda”. Cresceu ouvindo que mulher é a “parte fraca”, mas, para ela, parte fraca é a pessoa que não se garante;

. Sua filha Glória relembra a vida difícil que tiveram no seguinte trecho:

Nós chegamos na Rio-Bahia e todos os caminhões já haviam passado. Mãe disse: pede Nossa Senhora da Ajuda prá mandar um carro e você põe um dinheiro no pé dela. Não passou nem um minutinho e parou um caminhão que nos levou para a feira. Nós chegamos lá e vendemos as peças e fizemos a feira. Esse ano nós cumprimos a promessa, mas desde esse dia até hoje, todos os sábados eu me lembro... Sabe, a nossa pobreza era tanta... Eu me lembro que um dia, antes de subirmos a serra para tentar vender as peças, mãe cozinhou o único alimento que tínhamos em casa, um ovo. Descascou, tirou uma tampinha e comeu e deu-me todo ele. Por muito tempo fiquei pensando que mãe não gostava de comer ovo cozido. Só muito tempo depois entendi o seu gesto. (apud retirado do texto de Sonia Missagia Matos, “Mãos criadoras de vida: ceramistas do Vale do Jequitinhonha). ( apud retirado do texto de Sonia Missagia Matos- MAOS CRIADORAS DE VIDA: CERAMISTAS DO VALE DO JEQUITINHONHA).

Quando começou a produzir cabeças, percebeu que estava fazendo figura masculina, e disse: “Tá parecendo homem, eu vou é fazer homem”.

No ano de 1978, aos 44 anos, mesmo o barro estando presente em sua vida desde sempre, Dona Izabel começa ser reconhecida de fato ao apresentar suas bonecas, representações de diferentes características: mulheres negras, brancas e mulatas; mulheres com criança no colo, amamentando; noivas; mulheres com flores,

pássaros; sérias, sorrindo e até mesmo bravas. Suas mulheres sempre têm postura ativa, radiante, medindo aproximadamente um metro. A reprodução da figura masculina é inferior à representatividade feminina.

Segundo Dona Izabel, nos momentos sem inspiração para a confecção de suas bonecas, sua arte não saía do jeito que queria: imaginava de um jeito e realizava de outra maneira. “Fazer essas cores do barro para colorir os barros uns aos outros foi minha ideia, mesmo. Pegar o barro e apurar para fazer o colorido. Pegava e fazia e continuava” (Izabel Mendes da Cunha).

Dona Izabel tinha conhecimento de todas as etapas para a confecção de suas peças, desde a coleta da matéria-prima, o barro, sendo retirado na lua “fraca”, isto é, na lua minguante, e queimada à “lua forte”, representada pela lua cheia, que segundo dona Izabel resistia à queima. Depois de moldadas, as bonecas ganhavam pintura vinda da tinta extraída artesanalmente da areia colorida. As peças eram colocadas à sombra para secagem e, por último, a queima se dava em seu forno com a boca aberta, o que lhe permitia um melhor acompanhamento da queima, sabendo o momento certo de retirá-las.

Objetos como faca, sabugo de milho, cabaça e pedaços de madeira eram utilizados como ferramentas, contudo, sua principal ferramenta eram suas mãos e seus saberes, mãos essas carregadas de singularidade que transformavam o barro, dando sentido e vida às maravilhosas representações de suas mulheres.

Seu conhecimento foi herdado de sua mãe, Dona Vitalina, que também aprendeu com sua mãe, Dona Carlota, que também aprendeu com sua mãe, passando de geração em geração a continuidade do ofício de artesão. Com grandeza e generosidade, não guardou apenas para si seus conhecimentos. Pelo contrário, disseminou seu ofício não apenas para sua família e nem apenas para uma ou duas pessoas: ensinou a todos de sua comunidade, todos aqueles que tinham interesse em aprender, cada um ao seu modo e tempo, passando assim sua arte e ofício de artesão, fazendo com que fosse legitimada pela sua comunidade como mestre artesão.

Dona Izabel, além do respeito por parte de sua comunidade, também despertou admiração, ao longo de sua trajetória, de personalidades muito além do

Vale. Priscila Freire, bibliotecária e ex-diretora do Museu de Arte da Pampulha (MAP) em Belo Horizonte, admiradora e colecionadora da arte popular, considera a arte de Dona Izabel quase mitológica, *hors concours* das artes, criando para ela uma cerâmica contemporânea. Priscila possui cerca de 200 peças do Vale Jequitinhonha da década de 1970, quando faziam principalmente peças utilitárias.

Segundo Priscila Freire, as bonecas de Dona Izabel são de grande importância e inconfundíveis, representadas como rainhas, santas de altar com reconhecimento nacional e internacional. A bibliotecária, inclusive, batizou uma de suas bonecas como “Nefertiti brasileira”.

Em Belo Horizonte, Janaína Tabula, curadora, realizou a exposição em homenagem a Dona Izabel com o tema “Dona Izabel e outros contemporâneos”, na galeria de arte do SESC Paladium, promovendo um diálogo de suas bonecas com obras de outros artistas, como Erli Fantini, Iara Tupinambá, Bruno Amarante, Juliana Capibaribe, Lucas Dupin e Adel Souki.

Em 2016 a regional dos correios, em valorização à arte popular do estado mineiro, lançou um conjunto de selos com as bonecas de Dona Izabel, organizada pela Vale Mais – Instituto Sociocultural do Jequitinhonha. No mesmo ano, na cidade de São Paulo, a Casa-Museu do Objeto Brasileiro realizou a exposição “Flores e Boneca: a cerâmica do Jequitinhonha”, com aproximadamente 2 mil peças de 30 artesãos de Santana do Araçuaí, município do Ponto dos Volantes, e entre elas estavam as de Dona Izabel.

Maria Amélia Dorneles, também colecionadora e admiradora da obra de Dona Izabel, conhece a família há mais de 30 anos. Para ela, trata-se da “grande bonequeira do país”, evidenciando a história da arte popular em Minas Gerais.

Até mesmo a ex-primeira dama dos Estados Unidos, Michele Obama, em visita ao Brasil, pode ver e maravilhou-se com uma das suas noivas.

Em 2004, a artesã foi premiada pela UNESCO; em 2005, recebe a ordem ao mérito cultural do Governo Federal, em reconhecimento à sua generosidade em prol da cultura brasileira; em 2015, recebe a medalha da inconfidência (*in memoriam*) do Governo do Estado de Minas Gerais, dedicada àqueles que contribuíram para o desenvolvimento do Brasil.

Dona Izabel nos deixou fisicamente em 30 de outubro de 2014, aos 90 anos, no vilarejo Ponto dos Volantes, em Santana do Araçuaí (MG), devido a um câncer no intestino. Sua obra, entretanto, vive disseminada pelo Brasil e exterior. Era uma mulher de baixa estatura, pele morena, olhar atento, sorriso cativante, vida singela, mãos e imaginação que ganharam formas das mais diversas através do barro nos remetendo segurança, força, delicadeza.

Falar de Dona Izabel é despertar para um olhar de generosidade, mostrar o que temos de melhor e que independe da nossa condição socioeconômica. Somos seres dotados de criatividade, imaginação e sabedoria, e a artesã trilhou seu caminho de maneira digna, sabendo exatamente o que queria.

#### 4.2. Ulisses Mendes

Ulisses Mendes nasceu em 11 de fevereiro de 1955. Natural de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, filho de garimpeiro que retirava diamante às margens do rio, é tido como “o artista das margens do rio Jequitinhonha”. Uma de suas inspirações era sua mãe, que trabalhava em casa de família e, nos momentos livres, fazia peças utilitárias. Ulisses começou a trabalhar desde criança, além de produzir seus próprios brinquedos, como carrinhos e rodinhas de madeira para brincar. Por vezes presenteava, também, outras crianças.

O barro presente na vida de seus familiares, na confecção de panelas, potes e jarras, despertou sua curiosidade em torno do barro ainda menino, observando mulheres da comunidade de Campinho na produção de cerâmica utilitária, acompanhando sua avó e tias no processo de queima, atento para compreender o processo. A partir desse interesse, entre os 8 e 10 anos de idade faz seu primeiro Forninho para queima de miniaturas de pessoas.

Com o tempo, percebendo suas habilidades com o barro e sua herança cultural, começa a produzir cerâmica utilitária, como aquelas que ele observava as mulheres produzirem. Ao mesmo tempo, sofre preconceito até por parte dos familiares, que consideravam seu ofício uma atividade feminina. Ainda assim, continuou em busca da sua identidade como artesão pela arte que retratava seu universo, confiante de que era uma trajetória possível.



**Figura 2- Ulisses Mendes em seu Ateliê. Reprodução fotográfica “Blog das ruas”.**

Segundo Ulisses, o grande marco em sua vida ocorreu no ano de 1979, quando houve um período chuvoso que durou aproximadamente 40 dias, fazendo com que o rio transbordasse e derrubasse as casas de pau a pique, simples e humildes, deixando seus moradores tristes, sem esperança alguma. Dizia aos moradores para não ficarem tristes, porque o rio veio para oferecer uma nova casa, o que para ele era visto como um cenário “bonito: observar a fúria da natureza enquanto navegava em sua canoa entre as casas. Começa a esculpir no barro aquele cenário de sofrimento, e à medida que vendia suas obras, firmava-se em seu ofício e obtinha dele o seu sustento.

Atento e observador sobre o que via e ouvia, começa a se questionar sobre o que poderia esculpir, dando assim continuidade ao seu ofício. Em passagem por algumas zonas rurais, deparou-se com um morador chamado Durvalino e sua espingarda; adiante, seu Vicente, um caipira, o Vicentão; lembrou-se de Alzira, sentada no fogão refletindo sobre a vida, a mulher sertaneja.

Segundo Ulisses, é um povo abandonado, sem apoio político - o sofrimento de tantas pessoas, o descaso com homem e da mulher do campo iam, através do barro, deixando seu recado, classificado por ele como “crítica social”.

Inspirado por tantas histórias, filia-se à Associação dos Artesãos em Araçuaí, participando da primeira exposição do artesanato do Jequitinhonha realizado em Belo Horizonte. Com o trabalho reconhecido, desvincula-se da Associação para maior autonomia de seu trabalho, surgindo as peças mais famosas, o homem e

posteriormente a mulher, ganhando destaque na peça intitulada “O pacto com o diabo”.

Segundo Ulisses, ser famoso e idolatrado era um fator secundário. Seu objetivo maior é expressar sua arte por meio do cotidiano vivido pelos moradores a partir de sua crítica social, que até então não havia ninguém no Vale do Jequitinhonha que fazia. Em Minas Gerais e outros estados, como Bahia, Espírito Santo, há pessoas seguindo suas referências, a partir do contato das oficinas ministradas por ele, sendo reconhecido como mestre.

Outra obra importante é a representação da comunidade indígena, dos chamados “botocudos”, reforçando que a região já pertenceu aos índios antes da chegada dos colonizadores que os expulsaram de suas terras, e que não podem ser esquecidos, mantendo viva a história de seus antepassados. Seu trabalho é reconhecido no Brasil e no exterior.

As peças, depois de acabadas, devem ter um descanso de 30 dias à sombra para perder água. São colocadas na parte da manhã, por volta das 8h, começa o esquentar, passadas quatro horas acrescentam-se mais lenha a cada hora. Ao anoitecer, 20h, é o momento de atingir o máximo da temperatura, sendo à noite o momento para ver o fogo, observando por cima se chegou à temperatura desejada – em média termina às 22 horas. Já chegou a perder uma fornada por queimar demais, deixando as peças trincadas e tortas.

Ulisses explica, depois de muita pesquisa quanto ao tipo de argila e sua finalidade, que a produção de cerâmica utilitária necessita de argila mais arenosa, sendo mais difícil de trabalhar. Precisa de areia, pedra, para aguentar o fogo várias vezes em sua utilização, enquanto a cerâmica decorativa precisa de delicadeza e expressão, utilizando argila lisa, livre de impurezas, pois serão levadas à queima uma única vez. O mesmo ocorre também na produção de pigmentos, diferentemente de Santana do Araçuaí, Itinga não possui cores - as que ele obteve foram a partir de pesquisas dos minérios e sua extração.

Ulisses Mendes, menino homem observador dos elementos da terra, o fogo a água, o solo, o dia, a noite, a chuva, atento às causas, descobriu no barro não só um ofício, mas também uma forma de retratar o seu universo, por vezes sofrido,

esquecido, mas que para ele carrega uma herança de seus ancestrais que por lá passaram, como o botocudos.



## 5- SABERES DESENVOLVIDOS DURANTE O CURSO DE ARTES APLICADAS

Em julho de 2015, o projeto “A urna da minha aldeia - um manifesto pela diversidade cultural”, realizado pelos professores Cristiano Lima e Zandra Coelho, proporcionou meu primeiro desafio artístico: criar uma urna que expressasse a etnia escolhida, sendo a Marajoara escolhida por mim, Sua forma se deu pela técnica de rolinho: com pedaços de argila de espessuras idênticas fazem-se rolinhos; forma-se a base e colocam-se os rolinhos em cima uns dos outros, unidos pela barbotina. Essa técnica permite criar objetos cilíndricos, desde vasos, tigelas, canecas, até os objetos decorativos.



**Figura 3-urna marajoara 2015.**



**Figura 4- IV Seminário Internacional -A Cerâmica na Arte Educação 2015**

A partir desse primeiro contato com a argila, percebi que seria um grande desafio compreender sua complexidade e manipulação. Dois momentos que proporcionaram a mim uma forte reflexão ocorreram no mesmo ano: o IV Seminário Internacional – A Cerâmica na Arte Educação e o projeto Cerâmico e Arte-terapia na Associação de Parentes e Amigos dos Dependentes Químicos (Apadeq).

A última apresentação do Seminário, composta por Vanginei Leite (Nei Xacriabá), Jean Jacques Vidal (Unesp) e Cláudia Silveira (Senar-MG), mediado pelo professor Cristiano Lima Sales (UFSJ), mostrou os costumes de uma tribo indígena, manifestados por suas crenças, ritos e saberes, que disseminaram seu legado artístico para o país e consolidou definitivamente a importância da divulgação da cultura popular e sua preservação da arte genuína.

Já o projeto na Apadeq, coordenado pela professora Zandra Coelho e atuação de alunos bolsistas da UFSJ, tem a argila como principal meio utilizado e contribui de forma significativa para o tratamento e reinserção social de dependentes químicos de São João del-Rei e cidades vizinhas. Assim, pude perceber que a cerâmica é muito mais do que um trabalho artístico: pode ser usada, também, como instrumento para recuperar vidas de pessoas que muitas vezes são julgadas antes mesmo de serem ajudadas. Nesse sentido, a cerâmica representa mais do que um passatempo, representa unir pessoas, caminhando no mesmo sentido para um bem

maior, com respeito e dignidade entre mestre e aprendiz. Enquanto estudante acadêmico tive o privilégio de vivenciar e absorver histórias distintas em torno da argila e de suas possibilidades, tanto artísticas, quanto de ressocialização e incentivo à autoestima de pessoas.

Em 2017, por seis meses, pude aprender e conviver com pessoas que têm deficiência auditiva, enquanto cursava Língua Brasileira de Sinais (Libras), módulo básico, curso ministrado pela professora Rosely Lucas de Oliveira. Cada aula era única, especial e muito necessária neste mundo contemporâneo.

Aprender sobre a cerâmica e as técnicas reorganiza o sentido dado a ela. Para mim, não se trata apenas de produzir ou comprar, mas essencialmente de como se vive, como afeta a minha geração e as que virão. Sinto a responsabilidade de preservar e repassar esses legados.

A cerâmica é uma fusão de cultura, tradição e encanto, é a continuação por um desejo profundo de fazer algo em que acredito.

A partir de todas essas influências, deixei fluir meus sentimentos. Minhas referências artísticas são os artesãos do Vale do Jequitinhonha, a busca pelo novo, e, nesse processo, o criador deve se sentir liberto de sua alma para que a “coisa criada” seja revelada de forma natural e harmônica.

## 6. METODOLOGIA APLICADA

### 6.1 Molde

Foi confeccionado um molde de gesso em duas partes para a reprodução dos vasos.

Ter passado por algumas técnicas no processo criativo, mesmo ocorrendo imprevistos, fez com que eu acreditasse que a busca pelo aprendizado nos fortalece e que a persistência contribui para a formação artística de cada indivíduo. Minha persistência, ainda que em alguns momentos tenha sido pouco satisfatória, não foi em vão. Cada obstáculo em meu caminho, e a busca pelo aprendizado, levou-me a perceber a quanto envolvida estou com a cerâmica, o quanto a mesma se faz presente em minha vida. Possuo varias ferramentas compradas, como o cadador e vários tipos de estecas. Contudo, minhas ferramentas produzidas nas aulas da professora Zandra dá mais sentido ao trabalho artesanal.

Um grande prazer que senti durante meu processo de desenvolvimento artístico foi a coleta de terra colorida. Estar ao ar livre, ter contato com a natureza, estar com a mão na terra é sempre muito prazeroso. Buscando desenvolver as técnicas empregadas pelos ceramistas do Vale do Jequitinhonha, e grande admiradora da maneira como eles produzem engobe a partir de recursos naturais disponíveis na natureza, me aventurei por minhas terras coloridas.

O processo por decantação consiste em misturar terra coletada e água limpa. Após sua mistura, a parte mais densa vai para o fundo do recipiente, enquanto as menos densas sobem à superfície.

Após sua coleta e o depósito de pouco mais que meia garrafa PET, foi adicionada água e o recipiente, então, fechado e sacudido. Esperei por 24 horas para retirar a água e realizei um furo próximo à terra, na superfície. Em seguida, coloquei ao sol para secar e ser peneirada.

Foram obtidas quatro tonalidades de pigmentos: vermelho forte, vermelho mais claro, amarelo e caramelo. Com as cores obtidas, foram realizados testes em forno de tambor a gás para queima de biscoito, que durou seis horas. Foram

depositadas duas camadas em cada placa em ponto de couro, com intervalo de dois minutos entre as camadas. Apesar da obtenção das quatro cores, os testes mostraram que o caramelo e amarelo, após a queima, são alterados para marrom - isso ocorre pelo fato de terem óxido de ferro em sua composição.

A ideia das flores veio pela lembrança de tempos em que, às vezes, sentia necessidade de estar sentada na praça da estação para ver a chegada da Maria Fumaça. Minha companhia eram as árvores, as flores e os passarinhos, que deixavam meu dia harmonioso. Quando percebi, já tinha feito várias flores - acredito que nosso inconsciente de alguma forma nos impulsiona a fazer algo em que acreditamos.



**Figura 5- Molde de vaso, 2019.**

## 6.2 Moldagem

A moldagem é realizada por prensagem. Abre-se uma placa com o auxílio de um rolo ou um pedaço de cano. Em seguida, a placa é prensada sobre o molde, retira o excesso com fio de corte. Feitas as ranhuras nas bordas e colocada a barbotina, unimos as partes e esperamos por cerca de 15 minutos.



**Figura 6- Placa aberta com auxílio de cano, 2019.**

Para a confecção das flores, foram feitas bolinhas com tamanhos diferentes, deixando uma ponta mais fina. Em seguida apertando essas bolinhas, elas ganham forma de pétalas.



**Figura 7- Processo para realização das flores, 2019.**



**Figura 8- Flores em porcelana, 2019.**

Para a produção da flor copo-de-leite, a forma inicial utilizada foi a de coração. Antes de fechar o coração é colocado um cabinho no meio, em seguida unem-se as partes e faz-se o acabamento.



**Figura 9- Processo para realização da flor copo-de-leite, 2019.**



**Figura 10- local onde foi retirado terra, são João del rei atrás do supermercado bahamas,2019.**



**Figura 11-terra colorida em garrafa pet para realização do processo de decantação,2019.**





**Figura 12-secagem das terras coloridas,2019.**



**Figura 13-testes realizados a partir de terra coletada,2019.**

## 7- TABELA DE TESTES DE ENGOBE

Receita 1	
50g	Argila
4g	Corante vermelho
2,5g	Esmalte transparente

Receita 2	
90g	Terra vermelha
2,5g	Esmalte transparente
2g	Óxido de ferro vermelho

Receita 3	
Terra vermelha	2 camadas

Receita 4	
90g	Argila
10g	Esmalte transparente
10g	Terra ocre

Receita 5	
90g	Argila
05g	Esmalte transparente
2g	Oxido de cromo

Receita 6	
90g	Terra sigilada caramelo
2g	Óxido de ferro amarelo
05g	Esmalte transparente

Receita 7	
90g	Terra sigilada amarela
10g	Esmalte transparente
2g	Oxido de níquel

Receita 8	
90g	Terra sigilata vermelha
10g	Esmalte transparente

Receita 9	
90g	Terra amarela
10g	Esmalte transparente 621

Receita 10	
90g	Argila
2g	Óxido de ferro vermelho

Receita 11	
90g	Terra sigilada caramelo
10g	Esmalte transparente

**8-TRABALHO FINALIZAO**

**Figura 14-vasos com flores,2019.**



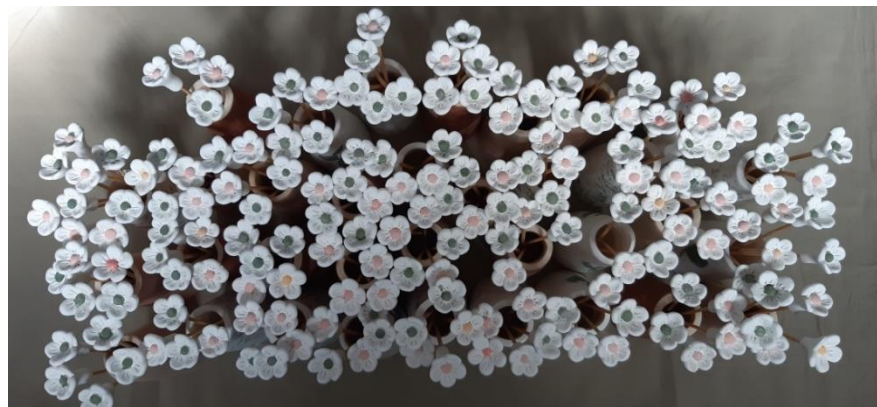
**Figura 15-vasos com flores pintadas com engobe,2019.**



**Figura 16-Flores pintadas com engobe,2019.**



**Figura 17-Molde de vaso 2,2020.**



**Figura 18-Flores em porcelana,2020.**



**Figura 19-Vasos pintados com engobe,2020.**



**Figura 20-Vasos pintados com engobe,2020.**



**Figura 21-Vasos pintados com engobe,2020.**

## 9. CONCLUSÃO

Por meio das técnicas realizadas no processo criativo, percebi o leque de possibilidades que a cerâmica nos proporciona. Ter conhecido um pouco mais sobre o Vale do Jequitinhonha e seus saberes permitiu, a cada dia, realizar e continuar a pesquisa em torno das terras coloridas obtidas na natureza.

Esse processo de aprendizado se deu especialmente por ter feito parte do curso de bacharelado- “Artes Aplicadas – ênfase em Cerâmica” da UFSJ. Agradeço imensamente pela oportunidade de ter tido contato com a cerâmica e por tudo que ela, hoje, representa para mim.

Assim que entrei para o curso, meu olhar sobre a cultura popular brasileira aflorou. Foi um despertar de sentimentos ainda maiores pelas conquistas que os ceramistas vêm almejando. Torcer pelos trabalhos de nossos semelhantes enriquece nossa arte popular brasileira.

Cada palavra e ensinamento apresentados pelos professores foram ouvidos e absorvidos atentamente, cada qual trabalhando aquilo com que mais se identifica.

Acredito que na vida há ciclos, por isso, dando continuidade em minha jornada, termino esse ciclo na UFSJ, mais especificamente no curso de Artes Aplicadas com ênfase em Cerâmica, e sigo adiante em busca de novos saberes.

Obrigada.

## 10. REFERÊNCIAS

Dossiê para Registro do Artesanato em Barro do Vale do Jequitinhonha: saberes. Ofício e expressões artísticas em Minas Gerais. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-protetido/bens-registrados>. Acesso em 09 mar.2019.

Pirillo Ramos Silvana, Políticas e processos produtivos do artesanato brasileiro como atrativo de um turismo cultural, Rosa dos Ventos, vol.5, núm.1, enro.marzo, 2013, pp.44-59, Universidade de Caxias do Sul, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id4735547092005>, jan-março2013, acesso em 11/10/2018

Ribeiro da silva, Emanuelle. Design e artesanato: um diferencial cultural na indústria do consumo, Instituição: Universidade Federal do Ceará - UFC. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7 2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil).

XIX CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA,2010,Lavras Anais do VII Simpósio, Lavras, Universidade Federal de Lavras, 2010

XIX CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA, O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local em municípios brasileiros, Disponível em <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/lavras/resumos/1217.pdf>>. Acesso em marc2019.



## REFERENCIAS RECOMENDADAS

### WEB SITES.

Arte do barro - Deuzani Santos "Mulher". Instituto de Arte Tear. **Youtube**. 2 julh.2015. 2min 24s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EfgtG-YyhUs>>. Acesso em 5 mar.2019.

Arte do Barro - Dona Isabel "A bonequeira do Vale". Instituto de Arte Tear. **Youtube**. 2 julh.2015. 3min 23s. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=lhs\\_OITpj7k](https://www.youtube.com/watch?v=lhs_OITpj7k)>. Acesso em 5 mar.2019.

Arte do Barro - Ulisses Mendes "O Pacto" – instituto de Arte Tear. **Youtube**. 1julh.2015. 5min12s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5N6oAp9bixU>>. Acesso em 9 mar.2019.

Artesanato Brasileiro - Ponto Solidário. Disponível em: **youtube** <https://pontosolidario.org.br/artesanato-brasileiro/>>. Acesso em 23 out.2019.

Artesanato do Vale do Jequitinhonha é "expressão de um povo". TV UFMG. **Youtube**. 8 mai.2018. 2min 12s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sWUiSwDyp5I>>. Acesso em 5 mar.2019.

Artesanato em barro - Coisas do Vale do Jequitinhonha (HD). Cesar Paranhos. **Youtube**. 12 jun. 2013. 4min 23s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G6bVbOMZNJE>>. Acesso em: 5 março2019.

Deuzani Gomes dos Santos – Minas Novas – Vale do Jequitinhonha- MG. Ponto Solidário / Cerâmica do Vale do Jequitinhonha, MG. Disponível em: [yframeurl='http://www.youtube.com/watch?v=WI70QgTeV7M'](http://www.youtube.com/watch?v=WI70QgTeV7M)] . Acesso em 23 marc. 2019.

Documentário - Izabel Mendes da Cunha Mãos-Moldes. Galeria Estação. **Youtube**. 1març. 2013. 12min 47s. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=pzrDZgzfMf0>>. Acesso em: 7 mar.2019.

Documentário - Izabel Mendes da Cunha Mãos-Moldes. Galeria Estação. **Youtube**. 1 mar.2013.12min 47s. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=pzrDZgzfMf0>>. Acesso em 5 mar.2019.

Exposição Dona Izabel – Agenda. **Youtube**. 9 jan.2013. 2min 58s. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=99ayZX33QQk>>. Acesso em 9 mar.2019.

História #29 - Raízes | Vale do Jequitinhonha - MG. Imagina Coletivo. **Youtube**. 18 julh.2013. 5min 56s. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=oMfdz9duDKQ>>Acesso em 9 mar.2019.

Partir Autrement Jequi parte 1. Raízes DS. **Youtube**. 30 agost.2016.12min 31s.  
Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=6&v=9p-s44i8Ovw](https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&v=9p-s44i8Ovw)>.  
Acesso em:7março2019.

Partir Autrement Jequi parte 2. Raízes DS. **Youtube**. 31 agost.2016.14min 21s.  
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LVADxIkRwks>>. Acesso em:7  
março 2019.

Partir Autrement Jequi parte 3. Raízes DS. **Youtube**. 31 agost.2016.9 min 07s.  
Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=4X\\_MsdFRtB0](https://www.youtube.com/watch?v=4X_MsdFRtB0)>. Acesso em 7  
março 2019.

Partir Autrement Jequi parte 4. Raízes DS. **Youtube**. 31 agost.2016.12 min 24s.  
Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=8PW\\_CsrvtR0](https://www.youtube.com/watch?v=8PW_CsrvtR0)>. Acesso em 7  
março 2019.

Ulisses Mendes, Artesão de Itinga 'Vale do Jequitinhonha-MG. Suzi Aguiar soares. **Youtube**. 22 ago. 2011. 13min25s. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=R5fkXf\\_Bfas](https://www.youtube.com/watch?v=R5fkXf_Bfas). Acesso em 9 març.2019.

Ulisses Mendes, o cronista do Vale do Jequitinhonha. Ediel Rangel. **Youtube**. 3 abril.2008.5 min 46s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rde9bNkDn-w>. Acesso em 9 mar.2019.

Ulisses Mendes: Artesão.BRartesanato.**Youtube**.8 maio.2011.4 mim 15s.Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=M9GudYOPG\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=M9GudYOPG_I). Acesso em 5 mar. 2019.

Dossiê para Registro do Artesanato em Barro do Vale do Jequitinhonha: saberes. Ofício e expressões artísticas em Minas Gerais. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2018.